



**Health
Residencies
Journal (HRJ).
2025;6(30):29-36**

**Artigos de
Temas Livres**

DOI:
[https://doi.org/10.51723/
hrj.v6i30.761](https://doi.org/10.51723/hrj.v6i30.761)

ISSN: 2675-2913

Qualis: B2

Recebido: 31/12/2022

Aceito: 07/02/2025

A trajetória da professora Mônica Antar Gamba na enfermagem e na podiatria clínica

The trajectory of professor Mônica Antar Gamba in nursing and clinical podiatry

Wender Ferreira dos Santos^{1*} , Mônica Antar Gamba² , Luz Marina Alfonso Dutra¹ 

¹ Secretaria de Saúde do Distrito Federal, Brasília, Distrito Federal – Brasil.

² Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, São Paulo – Brasil.

Correspondência: enf.wenderfs@gmail.com

RESUMO

Objetivo: relatar, por meio de uma entrevista com a enfermeira e professora Mônica Antar Gamba, os primórdios da formação da enfermagem podiátrica no Brasil, destacando sua trajetória profissional e as contribuições para a área da podiatria. **Método:** foi utilizado o método de história oral, com uma entrevista virtual realizada via plataforma ZOOM. A entrevista foi conduzida pelo enfermeiro Wender Ferreira dos Santos e focou nas experiências pessoais e profissionais da professora Mônica, especialmente no que se refere à sua formação em enfermagem e sua atuação na área de podiatria. **Resultados e discussão:** a entrevista revelou como a enfermeira Mônica se envolveu com o cuidado de pessoas desde a infância, influenciada por sua mãe e pela vivência com comunidades vulneráveis. Sua escolha pela enfermagem foi um processo influenciado por experiências de vida e pela busca por um meio de ajudar os outros. A trajetória profissional incluiu a formação acadêmica, o trabalho com doenças crônicas, e sua especialização em podiatria após uma capacitação na Inglaterra. Mônica foi pioneira na introdução da enfermagem podiátrica no Brasil, especialmente na área de cuidados com os pés diabéticos e lesões crônicas. **Conclusões:** a trajetória de Mônica Antar Gamba é um exemplo de como a enfermagem podiátrica se consolidou no Brasil. Sua contribuição foi fundamental para a formação de novos profissionais e para o aprimoramento das práticas de cuidado com os pés, especialmente em pacientes com diabetes. A enfermagem, segundo Mônica, deve ser entendida como uma ciência e profissão que exige constante estudo, e seu trabalho reflete o compromisso com o bem-estar integral dos pacientes.

Palavras-chave: Enfermagem; Podiatria; História da enfermagem; Ferimentos e lesões.

ABSTRACT

Objective: report the teacher's professional trajectory since the beginning of her pediatric nursing training, with her memories and biography as a backdrop. **Method:** descriptive, reflective study, developed from dialogue through the oral history and biography of Professor Mônica Antar Gamba about the trajectory of pediatric nursing in Brazil. **Results and discussion:** it demonstrated the first

experiences of care associated with becoming a nurse, experiences during graduation and the training of nurses in clinical podiatry, based on work and training with specialist nurses and English chiropodists and the challenges for working in pediatric nursing. The role played in the training of nurses in podiatry by the Escola Paulista de Enfermagem at UNIFESP stood out, a story of struggles and challenges to improve the quality of life of people with podiatric diseases, as a legacy for future generations. **Conclusions:** it was possible to highlight the challenges in the training of pediatric nurses and the public university for its consolidation. This work allowed the recording for the next generations of the process of emergence and development of this nursing specialty based on Professor Mônica's report. Thus, we hope to inspire many to pursue a career in pediatric nursing.

Keywords: Nursing; Podiatry; History of nursing; Wounds and injuries.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem crescido o interesse dos enfermeiros pela especialidade em podiatria ou enfermagem podiátrica^{1,2}. A enfermagem podiátrica é uma especialidade da enfermagem, atualmente na dermatologia, reconhecida pela COFEN^{1,3,4}. Apesar de estar no rol da dermatologia, também está como uma competência dentro da estomaterapia¹.

O enfermeiro podiátrico tem como atuação a correção de deformidades das lâminas ungueais, no uso de órteses para minimizar as deformidades dos dedos, palmilhas e calçados terapêuticos, em ações educativas e no rastreamento, promoção, prevenção de complicações e tratamentos de lesões nos membros inferiores e mãos^{1,3,4}.

Nos Estados Unidos e Austrália, a podiatria é uma área de formação médica destinada ao atendimento clínico e cirúrgico dos pés. Já na Europa e em países da América do Sul, a área tem o enfoque clínico e é chamada de podologia^{1,5}.

O marco histórico da especialidade em podiatria remonta ao quiropodista, profissão que, desde o antigo Egito, é responsável pelos cuidados com os pés. Em Nova Iorque, em 1895, foi fundada a primeira sociedade de quiropodistas^{5,6}. O médico e educador Maurice J. Lewi fundou em 1911 a primeira escola de Quiropodia, mais tarde conhecida como Faculdade de Medicina Podiátrica de Nova Iorque². Lewi também ajudou na elaboração da legislação que regulamentou a prática dos quiropodistas⁶.

No Brasil, os cuidados com os pés fazem parte da história da enfermagem, sendo reconhecidos pelo Decreto-Lei 10.068, publicado na Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, em 23 de março de 1939⁶. O marco para a enfermagem brasileira na

podiatría foi o curso de Especialização em Enfermagem em Podiatria Clínica, oferecido pela Universidade Federal de São Paulo em 2007^{2,5}.

Uma das figuras de destaque na construção da podiatria foi a enfermeira e professora Mônica Antar Gamba, cuja trajetória profissional se cruza com a história da enfermagem podiátrica brasileira.

Este artigo tem como objetivo relatar a entrevista dialógica sobre os primórdios da formação da enfermagem podiátrica por meio da trajetória profissional da professora Mônica, contribuindo para a área e para aqueles que pretendem seguir a formação como enfermeiros podiátricos.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo histórico, desenvolvido a partir da história oral obtida por entrevista virtual, realizada pela plataforma Zoom, com gravação autorizada pela Professora Mônica Antar Gamba, sobre sua trajetória na enfermagem e na podiatria no Brasil⁷⁻⁹.

O artigo surgiu como parte do trabalho de conclusão de residência na área de enfermagem podiátrica e foi realizado durante o "1º FÓRUM BRASILEIRO DE ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO EM PODIATRIA CLÍNICA", sediado pela UNIVAP e coordenado pela Dra. Maria Helena Mandelbaum, coordenadora da Pós-Graduação em Enfermagem em Dermatologia.

A entrevista foi conduzida pelo enfermeiro Wender Ferreira dos Santos e teve como roteiro as vivências que levaram a professora Mônica a cursar enfermagem, sua formação durante a graduação, os locais onde trabalhou, os caminhos que a conduziram à podiatria e suas experiências na área.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A abordagem foi dialógica, explorando o início e o significado da enfermagem e da podiatria clínica na vida da professora. A enfermagem surge como resultado de experiências de cuidado vivenciadas na infância. Durante esse período, ela guarda memórias que a moldaram como pessoa e enfermeira.

A primeira experiência que a levou a dedicar-se ao cuidado do outro foi quando, ainda menina, aos cinco ou seis anos, subia o morro onde residia a população vulnerável de sua cidade natal, Poços de Caldas-MG. Ela cantava e alimentava as pessoas com deficiência funcional, tristeza e dificuldades. Sua mãe foi a primeira referência de cuidadora. Nessa época, a mãe tratava pessoas com “berne”, feridas, cozinhava roscas de coco para oferecer à comunidade e tecia roupas para os mais necessitados.

Sobre as lembranças que tem dessa época, recorda-se de dois fatos que a marcaram. O primeiro, uma vez que dois meninos bateram na porta da sua casa e pediram comida e que a mãe só ajudaria se tomassem um bom banho e se sentassem à mesa. Foi a primeira vez que a professora Mônica entendeu o banho como um cuidado com a pele, com o outro, e como um gesto de inclusão. A segunda experiência marcante ocorreu quando ela prendeu o dedo no ralo do banheiro, o qual sangrou bastante. Ela tentou estancar o sangramento sozinha, o que causou apreensão e dor.

Aos 10 anos, mudou-se para São Paulo com a família, sendo um processo difícil. Era muito tímida, mas foi à escola e os amigos da época a ajudaram nesse processo de mudança de cidade e a lidar com a timidez. E a fez identificar o método e a organização social como ferramentas de luta, militância, capacitação e autonomia.

Ao considerar a escolha de uma profissão, queria agronomia, mas segundo o seu irmão, era uma profissão para homens. Quando perguntou a uma amiga do colégio o que ela faria, a mesma respondeu que era a enfermagem, pois seria a profissão do futuro, que era para crer nisso. Preocupada em ingressar logo na universidade para não oferecer mais ônus à sua mãe e pensando nas experiências vividas na cidade natal e no quanto gostava de cuidar, ela optou pela enfermagem. Foi aprovada para a USP de Ribeirão Preto. Apegada à mãe, no trajeto, passou muito mal,

com medo da distância, já pensava em uma possível transferência. Matriculou-se e iniciou o curso na USP de Ribeirão Preto.

O trote lá foi genial e ajudou muito nos desígnios, pois os veteranos solicitavam material para curativos para o pronto-socorro do Hospital Universitário. Como gazes, pomadas e unguentos. Na época, não tinha a mesma tecnologia que temos hoje. Foi uma experiência marcante. Pensei, se um grupo de jovens estava pedindo no trote materiais para curativo, era porque tinha muita gente com ferida, talvez seja esse o caminho que devo seguir (Professora Mônica).

Todavia, conseguiu a transferência para o curso de enfermagem da Escola Paulista de Medicina em São Paulo. Como tudo, enfrentou dificuldades e preconceitos pela escolha do curso. Era unânime: Por que não faz medicina? Você é tão inteligente.

Ao iniciar a graduação, desde o primeiro semestre algumas professoras a impactaram. Como: Maria Clotilde Leopoldo e Silva, Lucila Amaral Carneiro Viana, Lais Helena Ramos, Rosa Aparecida Pimenta de Castro, Maria Gaby R. de Gutierrez, Alba Lúcia B. L. de Barros, Mariana Augusto, Mariana Fernandes de Souza, Amélia Scarpa Maranhão, Maria Edith Santana, Paulette Goldenberg, Heloisa Pagliaro, Terezinha Vianna e Dr. Prates. Ela cita:

Professoras que mudaram a minha visão de mundo, que ministravam conferências, tratados, encantavam, sensibilizaram, tinham paixão pela educação, como diria Paulo Freire. Clô, foi demais, desenhou o SUS antes dele acontecer, era a pura Saúde Coletiva e, daí pensei: é isso que quero fazer (Professora Mônica).

A epidemiologia foi a primeira disciplina que ela se interessou, motivada a entender que não se tratavam de corpos doentes e sim de pessoas, agravos, meio ambiente, do social e de muitas complicações. Vibrava nas aulas. Com isso, na primeira série da faculdade já sabia em que área iria se aperfeiçoar. Fez mestrado e doutorado em epidemiologia.

O trabalho com as pessoas em situação de vulnerabilidade sempre a seduziu. Foi quando se defrontou com a área hospitalar, na enfermagem da pediatria, com

as crianças de casas de abrigo e acolhimento que isso ganhou mais força nela. Em especial as vivências durante a graduação na enfermagem pediátrica conta o seguinte fato:

Ah, o feijãozinho, 5 anos, que paixão, como uma mãe poderia abandoná-lo? Quase o adotei. E depois, na clínica médica, com pacientes com miastenia grave, limitações motoras, na ortopedia, com crianças separadas de suas mães por luxação congênita, impedidas de amamentar, estava ela lá, brigando, lutando, parando na diretoria (Professora Mônica).

Isso a levou a ser considerada meio “louca” ou desajustada aos padrões da época e referiam sempre que ela queria ser médica, porque fazia avaliação de enfermagem no pré-operatório (alta incidência de infecção em feridas cirúrgicas). Ela brinca: “Que bom, ‘só os loucos amam’!” Observou o cuidado baseado no modelo clínico, hegemônico, organicista e biológica, mas nunca aceitou isso. Com isso, ela foi estudar Foucault, Paulo Freire, Marx, Engels e outros filósofos. Cursou Saúde Pública, enfermagem do trabalho, administração em serviços de saúde, participou do Partido Comunista na época para se aprofundar na militância e nas revoluções internas e externas. Se decepcionou, mas nunca parou de estudar. “Ser enfermeira é estudar para sempre”, afirma.

Fui para o Xingu, e com o médico Roberto Baruzzi, Sofia Mendonça, Douglas Rodrigues, coordenei parte do PNI e imunização no Parque Nacional, tive a oportunidade de fazer parto com distocias, consulta de enfermagem, pré-natais, tratar ferimentos, viajei com um amigo de turma, Flávio, pelo nordeste com muito pouco dinheiro, para desbravar a migração, as redes causais e, também fui para Cuba estudar o maravilhoso tema: Cuidados Primários em Saúde – APS (Professora Mônica).

Como profissional, sempre acreditou na integralidade do cuidado e não se prestava nunca a ser executora de prescrição médica.

Perceber vidas, ver o sofrimento, gerou o ensejo de colaborar, de ajudar e de apoiar. A Enfermagem passou a ser a intencionalidade maior, inicialmente de forma generalista, mas com o de-

safio para cuidados específicos com as lesões, com os pés, como um grande problema negligenciado a ser resolvido, porque sempre se defrontava com pacientes com afecções podais, principalmente os acometidos pela hanseníase.

O olhar do enfermeiro deve ser sistêmico, olhar a pessoa na sua dimensão integral. O corpo cuidado não é somente um corpo físico, biológico, e psíquico, espiritual, um corpo em processo, em dinâmica de rede, de interação e interlocução. Caminhamos pensando na proposição do bem comum (Professora Mônica).

Na perspectiva dela, alguém que faça enfermagem e não tenha em sua visão a produção do bem comum será difícil exercer a profissão.

Há muitas vidas sacrificadas, lidamos com corpos, almas, famílias, comunidades, odores, humores e cores. Mas é muito prazeroso chegar na ponta do *iceberg* e perceber que conquistamos uma carreira. Quando falam que te admiram, que você os ajudou a se recuperar ou que você tirou a dor com suas mãos, isso não tem preço. Não tem como não se sentir impactada, agradecida e grata pela oportunidade de ter cursado enfermagem. Apesar da densidade e das dificuldades que ainda temos relacionadas às condições de trabalho (Professora Mônica).

Quando formada, trabalhou pouco mais de um ano na área hospitalar. De lá, teve a oportunidade de ir para a atenção básica. Na época, atuou no Centro de Saúde Escola, experiência que descreve como maravilhosa. No Centro, geralmente cuidava de pacientes com lesões crônicas, problemas podais, hanseníase, diabetes, HIV-AIDS, vasculopatias e dermatoses. Nessa época, sua militância também foi voltada para a implantação do SUS por meio da Reforma Sanitária, e “FELIZMENTE NASCIA O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE”, foi delegada.

A professora também relata o início da enfermagem podiátrica em sua vida. Conta que um dia, ao fazer uma consulta de enfermagem e um curativo nos pés de uma pessoa com diabetes mellitus (DM), um professor da EPM e que também atuava no Ministério da Saúde, entrou na sala explicando que uma

médica brasileira estava na Inglaterra se capacitando na área de prevenção de complicações nos pés por DM. Ele mencionou que havia uma oportunidade para uma enfermeira se aperfeiçoar na área de cuidados podais-quiropódicos em instituições inglesas em Oxford, Londres e Manchester-UK.

Com uma formação no Instituto Lauro de Souza Lima em Prevenção de Incapacidades pela Hanseníase, com muito desejo de aprender, não hesitou e, na hora, respondeu que faria tudo para obter apoio para essa formação. Mesmo com um domínio limitado da língua inglesa e matriculada no mestrado em epidemiologia, sem suporte financeiro, e utilizando FAX, correios e fichamentos bibliográficos digitados em máquina de escrever, não a impediu de buscar essa capacitação. Fez um projeto para o CNPq, sendo aprovado apenas para as passagens. Tentou, com seu salário exíguo transformado em libras, estudar por seis meses na Inglaterra. Essa experiência foi um divisor de águas em sua vida.

A sua capacitação na Inglaterra foi com os quiropodistas, enfermeiras educadoras, médicos generalistas, epidemiologistas, especialistas nos cuidados com os pés, como Andrew Boulton, Cavanagh, entre outros e com cursos específicos de podiatria fez sua formação básica e técnica em educação em diabetes e quiropodia, podo profilaxia, neuropatias, vasculopatias, órteses, rastreamento de risco, *offloading*, no Radcliffe Infirmary, King's College e Diabetes Center na Foot Hospital, em Oxford, Londres e Manchester, UK. Sensibilizou pacientes e educadores, com Mr. Laury King, Jennifer Lopes, Ali Foster, Maggie Watkinson.

Ela destaca que foi a Dra. Hermelinda Pedrosa que oportunizou para que as enfermeiras brasileiras se capacitassem na área. Dra. Laurenice era a coordenadora da área do diabetes no Ministério da Saúde na época e ambas criaram o programa "Salvando o pé diabético". Esse programa foi importante para capacitar enfermeiros e médicos para uma formação em podiatria clínica. Isso foi importante para trazer para o Brasil as tecnologias avançadas para os cuidados podoprofiláticos, meios de diagnóstico, ortetização, inovações para o tratamento da úlcera do pé diabético – UPD, na época, já adotadas na Europa desde a década de 70. No retorno ao Brasil, atuou muito na atenção às pessoas com complicações nos pés por DM, relembra:

Foi a época em que mais cicatrizei feridas, uma revolução, casos com indicações de amputações altas, foram resolvidos com as inovações nos cuidados podais. Dessa forma, fui convidada para participar da capacitação técnica em nove capitais sobre o "Programa de Prevenção e Controle do Diabetes e Complicações, cuidados com os pés" em convênio com a Clínica Joslin em Harvard, coordenada pelo Dr. Antonio Chacra (Professora Mônica).

Naquela época, os dados epidemiológicos sobre o DM no Brasil eram desconhecidos. Os Drs. Laércio Franco, Domingos Malerbi, Negrato, entre outros, em integração com o MS, coordenaram o Estudo Multicêntrico sobre a Prevalência do DM no Brasil e as diretrizes reorganizadas pela Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD), ANAD e ADJ. Em termos de políticas públicas na área, os cuidados podais estavam focados na Hansenologia, desenvolvida de forma interdisciplinar como prevenção de incapacidades, promovida pelo Instituto Lauro de Souza Lima em Bauru, na área de Hansenologia.

Montamos um ambulatório de cuidados com os pés com uma equipe de ortopedistas, fisioterapeutas, fisiatras, enfermeiros, podólogos, ortesistas, oficina ortopédica, onde a atuação na área de podiatria funcionaram como campo de estágio para estudantes das diferentes áreas de conhecimento, mas especialmente enfermeiros e especializados em enfermagem em dermatologia, estomaterapia e podiatria, sediados no saudoso Lar Escola São Francisco. Até com os calçados especiais os pacientes saíam (Professora Mônica).

Ela relembra que a enfermagem organizou um trabalho apresentado no congresso de ortopedia, mostrando os dez anos de experiência na cicatrização de feridas crônicas e redução de amputações por DM, com taxas semelhantes aos estudos internacionais, de até 80%. No início da década, começou a oferecer as capacitações técnicas pelo Brasil às equipes, sempre que solicitada, sobre o uso das novas tecnologias para os cuidados avançados para o tratamento de feridas no Brasil. Por essa razão, foi convidada por um grande multinacional de tecnologias avançadas a realizar consultoria técnica e

teve a oportunidade de realizar um curso de alto nível em dermatologia, na Universidade de Miami, com Drs. Lisa Ovigton, William H. Eaglstein, Falanga, entre outras referências com a querida Lina Monetta.

Como enfermeira docente da Escola Paulista de Enfermagem da Unifesp, ajudou na construção dos ambulatórios da universidade. É importante lembrar que sua fonte de inspiração e apoio para a aprendizagem técnica de podologia foi a amiga Cleide Martinez, formada pela concepção histórica das antigas “calistas” e também pelo curso de podologia. No Lar Escola São Francisco, atuou ao lado dos Drs. Marco Guedes, Patrícia Guedes, Antônio Magalhães, Fabio Batista e Cristina Cardoso, ampliando seus conhecimentos clínicos e contribuindo para o cuidado especializado.

Com a oficina ortopédica adquirimos muita experiência na área dos “pés insensíveis” por mais de 15 anos, cuja atuação, ressaltamos, foi responsável pela redução das amputações e mortalidade dos pacientes com problemas nos pés atendidos no complexo. Tais experiências foram a luz para a busca do meu doutoramento (Professora Mônica).

Em um estudo do tipo caso-controle, apontou que a consulta de enfermagem protegeu em 80% as amputações por DM, também referendando a literatura internacional. Nessa época, a SMS-SP organizou o Projeto chamado “Proibido Feridas”, que depois foi instituído ao nível municipal e garantiu a “Lei do Pé diabético”, no qual a professora também colaborou.

Em 2004, em parceria com outras enfermeiras docentes, ofertou o primeiro curso de especialização em Enfermagem em Dermatologia da EPE-UNIFESP. Esse curso de especialização ficou como modelo de currículo padrão para os próximos que surgiriam orientados pelas Profas. Dras. Maria Helena Mandelbaum, Vânia Declair, Lina Monetta, Oswaldo Moura (*in memoriam*), e já incluía a avaliação integral e os cuidados podais.

Neste mesmo ano, foi diagnosticada com um câncer de ovário invasivo, teve que se afastar para o tratamento, o que mudou sua visão de mundo. Mesmo assim, delineou-se uma proposta de currículo para Enfermagem Podiátrica, procurada pela enfermeira Vera Lellis que tinha a competência e o interesse em realizar o primeiro curso de especialização

em enfermagem podiátrica, apoiada pela Dra. Odete de Oliveira Monteiro.

Em 2006, organizou-se o I Curso de Enfermagem Podiátrica no Brasil. Ainda neste ano, teve oportunidade de se credenciar como orientadora no Programa de Pós-Graduação da Escola Paulista de Enfermagem da UNIFESP, sendo responsável pela titulação de 11 mestres e cinco doutores, com destaque para a pesquisa da enfermeira fisioterapeuta e podiatra Maria do Livramento Saraiva Lucoveis, pioneira na descrição do MODELO DE GESTÃO DO CUIDADO À PESSOA COM DIABETES PARA PREVENÇÃO DE ULCERAÇÕES NOS MEMBROS INFERIORES, onde teve o privilégio de publicar com os Drs. David Armstrong, Pedrosa, Rolim, Bocara e Sá o artigo: *Development and validation of a pocket guide for the prevention of diabetic foot ulcers* e desenvolver o primeiro curso na área na Academia SOBEST, destacando-se hoje como a maior autoridade na área. Foi publicando, escrevendo e trabalhando na área.

Destaca ainda a falta de oferta de locais para formação do enfermeiro especializado em podiatria, em níveis de excelência como Nilce B. Dompieri, Rosângela Oliveira, Beatriz Yamada, mentoras de múltiplas formações e que a Universidade do Amazonas é um dos poucos locais que oferece o curso com qualidade, tutorados pela Dra. Suelly Thuller, excelência e visionária da área, em conjunto com a Profa. Eliane Silva.

Esta é uma parte da história da professora. Como ela coloca, muita luta, muito trabalho, muito estudo, muitas dores e muitas alegrias. História de uma trabalhadora, fruto da influência dos seus pais e avós, imigrantes árabes.

Deixa a sua preocupação na divisão social da enfermagem, como preocupante para a profissão. Ressalta que não podemos deixar de ser generalistas, atuarmos com alta acuidade para identificação dos problemas gerais de saúde-doença-cuidado e com a especificidade necessária para o aprimoramento técnico-científico. Que sempre acreditou na enfermagem como ciência, protagonista CRUCIAL do CUIDADO, onde *mister* se faz a atuação pela clínica compartilhada, projeto terapêutico singular exercido pelo raciocínio clínico minucioso, ético e resolutivo focalizado na pessoa da qual cuidamos.

Sobre podologia e podiatria, aponta que a podologia tem uma função técnica e, já a podiatria deve ter uma visão sistêmica:

O enfermeiro podiatria não cuida só dos pés, cuida sim do sujeito como um todo, com zelo e desvelo, parafraseando Leonardo Boff (Professora Mônica).

CONCLUSÕES

Destacamos a contribuição da professora para enfermagem, pelos desafios enfrentados para a formação do profissional em enfermagem dermatológica e podiátrica geridos por uma Universidade Pública pelo trabalho, atuação, militância, profissionalismo ético, integração com as sociedades de especialistas com o primordial objetivo de participação da formação de

enfermeiros que literalmente atuem para a melhoria da qualidade da assistência. Ressaltamos que esse trabalho procurou deixar esse legado registrado, como colocado pela entrevista, para que seu trabalho para as próximas gerações seja a maior dádiva da sua experiência como enfermeira, sempre com a amorosidade que foi sua marca registrada.

Esperamos que esse pequeno relato inspire muitos e muitas a continuarem a lutar por uma enfermagem melhor, a não desistir dos seus sonhos e principalmente pela atuação da enfermagem podiátrica. Que a próxima geração mantenha essa história viva e contribua com ela, fortalecendo a enfermagem podiátrica brasileira.

REFERÊNCIAS

1. Brito D. Podiatria, você sabe o que é? *Rev Feridas* [Internet]. 2021 [citado 31 de dezembro de 2022];(46):1669-72. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:EP13aRtd5k4J:scholar.google.com/+enfermagem+pod%C3%A1trica&hl=pt-BR&as_sdt=0,5
2. Júnior EFP, Pires AS, Monteiro MJ, Moraes K, Santos LD, Benevides JMM et al. Laserterapia de baixa intensidade: características dos clientes atendidos no serviço de podiatria. *Rev Soc Desenv.* 2021;10(4):e36610414099. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14099>
3. Lavor JSC, Mendonça GUG, Belém JM, Oliveira CRT, Moreira SE, Sampaio LRL et al. Cuidados podiátricos a pessoas idosas com diabetes mellitus: revisão integrativa. *Rev Soc Desenv.* 2022;11(7):e59211729776. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/29776>
4. Lima CB, Gil SC, Silva FC, Cohen VD. A podiatria clínica no planejamento de assistência de enfermagem direcionada ao paciente portador de diabetes mellitus. *Glob Clin Res J.* 2022;2(2). Disponível em: <https://globalclinicalresearchj.com/index.php/globclinres/article/view/51>
5. Jacob VLL. A HISTÓRIA DA PODIATRIA [Internet]. Portal do Enfermeiro Podiatra Brasileiro. [citado 25 de julho de 2021]. Disponível em: <http://www.podiatria.com.br/index/historia>
6. Pires AS, Júnior EFP, Marques EG, Thuler SR, Jacob VLL, Gonçalves FGA et al. Implementação do serviço de enfermagem em podiatria clínica em unidade pública de saúde ambulatorial. *Rev Soc Desenv.* 2021;10(6):e2710615353. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/15353>
7. Teodosio SSC, Silva ER, Padilha MI, Mazera MS, Borenstein MS. A história oral e pesquisa documental como itinerário de pesquisa na enfermagem: um estudo bibliométrico (2000-2014). *Esc Anna Nery Rev Enferm.* 2016;20(4):e20160087. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000400205

8. Padilha MIC, Borenstein MS. O método de pesquisa histórica na enfermagem. *Texto Contexto Enferm.* 2005;14(4):575-84. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072005000400015
9. Padilha MI, Nelson S, Borenstein MS. As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem. *Hist Ciênc Saúde-Manguinhos* [Internet]. 2011;18(supl.1):241-52. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v18s1/13.pdf>

